

Análise de Dados e a Escalação de um Time sob a Ótica de um Técnico

Lucas: Professor, obrigado por aceitar conversar. Estamos desenvolvendo um projeto na faculdade de usando uma base de dados para analisa o desempenho dos jogadores, como quantidade de gols, assistências, passes, desarmes, entre outras informações, e principalmente, mostrar a sinergia entre eles em campo. Na sua opinião, um trabalho como esse é interessante para o futebol moderno?

Rafael: Sensacional! Não é só interessante, é fundamental. Antigamente, a nossa análise era muito baseada no "olhômetro", na percepção do treino e do jogo. O que vocês estão propondo é transformar o "eu acho" em "eu sei". É colocar uma lupa sobre o campo e nos dar provas concretas. Saber a porcentagem de aproveitamento de um jogador em passes ou desarmes tira a discussão do campo do "gosto pessoal" e a leva para o campo da eficiência. E a parte da sinergia, do entrosamento, é a cereja do bolo. Descobrir com números que um atacante rende 80% a mais quando joga ao lado de um ponta específico é uma informação tática de valor inestimável.

Lucas: Opa, bom saber que gosta de ideia. Mas e na prática, no dia a dia, você acha que conseguiria utilizar essas informações? De que forma isso impactaria seu trabalho?

Rafael: Utilizar? Isso viraria minha ferramenta de trabalho diária! Eu plastificaria esses relatórios e os usaria na minha prancheta. Imagina o poder de chegar para um jogador no vestiário e dizer: "Olha aqui, campeão. Seus dados mostram que você acerta 8 de 10 cruzamentos quando vai à linha de fundo, mas só 2 de 10 quando cruza da intermediária. Entendeu onde você precisa focar hoje?". É uma ferramenta poderosa para o convencimento do atleta e para justificar minhas decisões. Para mim, como técnico, ajuda a ser mais justo, a basear minhas escolhas em fatos, não apenas na performance do último jogo ou no nome do jogador. Os números não mentem.

Lucas: Excelente. Para fechar, saindo um pouco do nosso projeto e entrando na sua rotina: hoje, sem essa ferramenta de dados tão detalhada, o que você normalmente leva em consideração para escalar sua equipe titular?

Rafael: Ótima pergunta. Eu costumo dizer que é uma mistura de arte e ciência, que eu divido em três pilares principais:

1. **O Treino da Semana (A Meritocracia):** Para mim, isso é sagrado. O time que joga no domingo começa a ser formado na terça-feira. Observo quem está com mais vontade, quem está executando bem as funções táticas, quem está focado. Quem treina bem, joga. No meu time, não existe cadeira cativa.

2. **A Estratégia para o Jogo (A Prancheta):** Eu estudo o adversário. Eles têm um ataque rápido? Preciso de defensores velozes. O forte deles é a bola aérea? Escalo meus zagueiros mais altos e volantes com boa cobertura. Eu monto a equipe para neutralizar os pontos fortes do oponente e para explorar suas fraquezas.
3. **O Momento (O Fator Humano):** Essa é a parte que os números, sozinhos, não capturam 100%. Existe o jogador que está mais confiante, o que sente a pressão, o que "chama a responsabilidade". E, claro, o entrosamento. Às vezes, um jogador 'B' não é tecnicamente superior ao 'C', mas a presença do 'B' em campo faz o nosso craque, o jogador 'A', render muito mais. Então, o 'B' joga. Meu objetivo não é escalar os 7 melhores jogadores, mas os 7 que, **juntos**, formam o melhor time.

Lucas: Professor, você mencionou o fator humano, provavelmente o que você sente ao conversar com eles. O que acontece quando os dados dizem uma coisa, mas a sua intuição de campo diz outra? Por exemplo, os números mostram que um jogador está em baixa, mas você sente que ele é o cara certo para aquele jogo específico.

Rafael: Essa é a encruzilhada do técnico moderno, o ponto onde a experiência fala mais alto. Eu vejo os dados como um conselheiro, um assistente de altíssima confiança, mas a decisão final é minha. Os números são o farol que ilumina a estrada, mas quem dirige o carro sou eu. Se os dados mostram que meu centroavante não faz gol há cinco jogos, a análise fria diria "banco nele". Mas eu, que o vejo treinar, sei que a movimentação dele está abrindo espaço para os pontas entrarem na área, algo que a estatística de gols não mostra. A informação do dado me força a justificar minha intuição para mim mesmo. Ele me pergunta: "Você tem certeza?". E eu preciso ter uma resposta tática clara. O dado enriquece a decisão, mesmo quando você vai contra ele.

Lucas: Além da escalação para os jogos, você enxerga uma aplicação para esses dados no desenvolvimento individual dos jogadores, especialmente os mais jovens da base?

Rafael: Sem dúvida! É aí que o potencial disso explode. Para um jovem, o feedback precisa ser claro e construtivo. É muito mais poderoso eu chegar para um garoto e dizer "Seu índice de acerto em passes longos e viradas de jogo é de 40%, vamos trabalhar um treino específico para isso", do que simplesmente falar "Você precisa melhorar o passe". Com os números, ele visualiza o problema e, mais importante, visualiza o progresso. Mostrar a ele um gráfico depois de um mês e dizer "Olha, seu aproveitamento subiu para 60%", é uma injeção de confiança absurda. Serve também para identificar potenciais. Às vezes, os dados mostram

que um meia tem um número de desarmes de primeiro volante. Pode ser um sinal para testá-lo em uma nova posição onde ele pode render ainda mais.

Lucas: Existe algum risco no uso excessivo de dados? Uma dependência que possa, de alguma forma, "robotizar" o futebol e tirar a criatividade?

Rafael: Com certeza. O risco existe e é preciso estar atento. O principal perigo é esquecer que do outro lado do relatório existe um ser humano. Os dados não me dizem se o jogador brigou com a namorada, se o filho está doente ou se ele está com uma pequena dor que o incomoda. O segundo risco é o que eu chamo de "paralisia por análise": ter tanta informação na mão que você fica com medo de tomar uma decisão ousada, de apostar no improviso, no drible que não estava na planilha. O segredo é usar os dados para criar uma equipe organizada e taticamente consciente, para que o talento individual tenha a liberdade e a segurança para brilhar. A tática liberta a técnica.

Lucas: Professor, para encerrar. Sabemos que na elite do futebol, em clubes de ponta, a análise de dados já é uma realidade consolidada e indispensável. Pensando no futuro, como você enxerga a evolução e a democratização dessa ferramenta? Você acredita que o grande diferencial passará a ser não apenas *ter* os dados, mas a *qualidade da interpretação* deles? E como isso pode impactar as categorias de base e os clubes de menor investimento?

Rafael: Exatamente. Vocês tocaram no ponto central do futebol do futuro. Hoje, ter os dados está se tornando o padrão, o básico. O ouro não está mais no dado bruto, mas na capacidade de traduzir esses números em decisões rápidas e eficazes no campo. Ter o mapa não te faz o melhor navegador. É preciso saber ler o terreno, prever os obstáculos e encontrar os atalhos. O diferencial será ter uma comissão técnica que saiba fazer as perguntas certas para os dados.

Quanto à democratização, é um caminho natural. A tecnologia sempre se torna mais barata e acessível com o tempo. Softwares que hoje custam uma fortuna, em alguns anos estarão disponíveis para clubes menores. E o impacto na base será revolucionário. Poderemos monitorar o desenvolvimento de um jovem atleta com uma precisão nunca antes vista, corrigindo deficiências táticas desde cedo e evitando que talentos se percam por uma avaliação puramente subjetiva. Um garoto não será mais descartado por ter tido um ou dois jogos ruins, pois teremos um histórico de dados que mostra sua consistência e potencial. O que vocês estão fazendo na faculdade não é apenas aprender a usar uma ferramenta do presente, é se preparar para ser o grande diferencial do futuro: o profissional que sabe transformar informação em vitória.